

Jazz: a voz trans na literatura infantil ilustrada norte-americana¹

Jazz: the trans voice in north american picturebooks for children

Jazz: la voz trans en la literatura infantil ilustrada norteamericana

Sara Regina de Oliveira Lima²

Universidade Estadual do Piauí e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Brasil.

Diógenes Buenos Aires de Carvalho³

Universidade Estadual do Piauí e Universidade Federal do Piauí, Brasil.

Guilherme Magri da Rocha⁴
UFMS, Brasil.

Resumo

Desde a década de 1970, a literatura infantil de língua inglesa tem ampliado seu repertório temático, incorporando narrativas que abordam diferentes dimensões da diversidade cultural e social. As questões de gênero, por exemplo, têm recebido crescente atenção mercadológica, da crítica especializada e do público leitor. Nesse contexto, este trabalho, de caráter bibliográfico-exploratório, tem por objetivo analisar a obra *I Am Jazz*, escrita por Jazz Jennings e Jessica Herthel, com ilustrações de Shelagh McNicholas (2014). Busca-se averiguar a representação da identidade trans na infância, atentando aos estereótipos de gênero e ao modo como relações sociais e negociações vividas pela protagonista são veiculados pela articulação entre texto e imagem. O aporte teórico fundamenta-se em autores como Butler (2015), Meadow (2018), Hill (2020), Favero (2020), Madalena (2021), entre outros. A análise evidencia que a obra, escrita por uma autora trans, contribui para a construção de uma narrativa que amplia as possibilidades de identificação e reconhecimento para crianças trans frente a uma sociedade ainda fortemente estruturada por concepções normativas de gênero.

Palavras-chave: literatura infantil; língua inglesa; personagem criança trans.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS/ MEC - Brasil.

² Doutorado em Literatura. Universidade Estadual do Piauí e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6322-2565>. E-mail: sararegina@prp.uespi.br

³ Doutorado em Linguística e Letras. Universidade Estadual do Piauí e Universidade Federal do Piauí. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7052-0031>. E-mail: diogenesbuenos@ccm.uespi.br

⁴ Doutorado em Letras. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2091-9116>. E-mail: g.magri@ufms.br



Abstract

*Since the 1970s, English-language children's literature has broadened its thematic repertoire by incorporating narratives that address different dimensions of cultural and social diversity. Gender issues, for instance, have received increasing attention from the publishing market, literary critics, and readers. In this context, this bibliographical and exploratory study aims to analyze the picturebook *I Am Jazz*, written by Jazz Jennings and Jessica Herthel, with illustrations by Shelagh McNicholas (2014). The study examines the representation of transgender identity in childhood, paying particular attention to gender stereotypes and how the social relationships and negotiations experienced by the protagonist are conveyed through the interplay of text and illustration. The theoretical framework draws on the works of Butler (2015), Meadow (2018), Hill (2020), Favero (2020), Madalena (2021), among others. The analysis demonstrates that the book, authored by a transgender writer, contributes to the construction of a narrative that expands the possibilities of identification and recognition for transgender children within a society that remains strongly structured by normative conceptions of gender.*

Keywords: *children's literature; English language; transgender child character.*

Resumen

Desde la década de 1970, la literatura infantil en lengua inglesa ha ampliado su repertorio temático al incorporar narrativas que abordan distintas dimensiones de la diversidad cultural y social. Las cuestiones de género, por ejemplo, han recibido una creciente atención por parte del mercado editorial, de la crítica especializada y del público lector. En este contexto, el presente estudio, de carácter bibliográfico y exploratorio, tiene como objetivo analizar la obra *I Am Jazz*, escrita por Jazz Jennings y Jessica Herthel, con ilustraciones de Shelagh McNicholas (2014). Se busca examinar la representación de la identidad trans en la infancia, prestando especial atención a los estereotipos de género y a la manera en que las relaciones sociales y las negociaciones vividas por la protagonista se construyen mediante la articulación entre texto e imagen. El marco teórico se fundamenta en autores como Butler (2015), Meadow (2018), Hill (2020), Favero (2020), Madalena (2021), entre otros. El análisis pone de manifiesto que la obra, escrita por una autora trans, contribuye a la construcción de una narrativa que amplía las posibilidades de identificación y reconocimiento para las niñas y los niños trans frente a una sociedad todavía fuertemente estructurada por concepciones normativas del género.

Palabras clave: *literatura infantil; Lengua inglesa; personaje infantilis transgénera.*

O ANOS 2000 E AS PERSONAGENS TRANS NA LITERATURA INFANTIL ESTADUNIDENSE

A seriedade dos estudos feministas, *queer* e trans questiona o poder que opera segundo a estrutura binária do conceito de gênero. Autores como Butler (2015) e Preciado (2014) confrontam o pensamento ocidental por meio de textos que

introduzem teorias sobre as múltiplas identidades de gênero/sexualidade e suas reverberações na contemporaneidade.

A distinção sexo/gênero fundamentou-se na crítica à forçosa lógica de conversão de sexo em gênero, que considera apenas os padrões biológicos e subjuga o caráter da construção sociocultural e subjetiva do gênero. Assim, ao conceber que determinado órgão sexual não corresponde diretamente a determinado gênero, admitiu-se, dentro dessas investigações, a potência do corpo livre de amarras previamente estabelecidas. Só após tais provocações, a distinção sexo/gênero tornou-se basilar para compreender as expressões de gênero como fluidas e variáveis.

Stryker (2006, p. 254), por exemplo, definiu transgênero como um “[...] termo guarda-chuva que se refere a todas as identidades ou práticas que atravessam, cruzam, transitam entre ou, de alguma forma, subvertem as fronteiras de sexo/gênero socialmente construídas”.⁵ Observa-se que essa proposta vem ganhando espaço na literatura para a infância, que, a partir da fruição estética, busca constituir veículos de ideias desafiadoras do *status quo*, promovendo de justiça social e cultural. Nikolajeva (1990) assegura que contra os ditames pré-estabelecidos, escritores contemporâneos buscam introduzir novos temas e recursos narrativos.

Mickenberg e Nel (2011) encaram as críticas sutis à ordem social como influência basilar cuja raiz – e por isso radical – está em despertar compreensão e entendimento crítico a respeito da não equidade, injustiça e exploração no mundo. Consequentemente, a experiência literária que trata de grupos marginalizados e da justiça social exerce um grande impacto na produção das literaturas destinadas ao público infantil. Temáticas sobre a morte, amizades ou inimizades, solidão, violências, pobreza e racismo, ou seja, os temas sensíveis têm sido frequentes.

Provenientes de diversos levantes sociais, políticos e culturais, as temáticas de gênero, no contexto norte-americano, intensificaram-se a partir da década de 1990, impulsionando representações que configuraram o *boom* de personagens gays e lésbicas nesse cenário. No entanto, distanciadas de um otimismo ingênuo, Sullivan e Urraro (2017) atestaram que, embora existisse uma crescente produção e

⁵ Tradução nossa: [...] umbrella term that refers to all identities or practices that cross over, cut across, move between, or otherwise queer socially constructed sex/gender boundaries.

aceitação às questões LGBTQIAPN+, as personagens trans continuavam com pouca representação na literatura. A escassa produção é respondida pela categorização da transgeneridade como tema tabu para a infância.

Hill (2020) aponta que, no senso comum, as crianças são vistas como demasiadamente inocentes ou incapazes de compreender temas como diversidade de gênero e sexualidade. Não por acaso, nos anos 2000, as personagens trans ou não binárias, ao aparecerem nas obras, são particularmente vitimadas por dificuldades e exclusão por conta de padrões heteronormativos, que tendem a enrijecer os papéis de gênero e sexualidade, baseando-se nas imposições dicotômicas e supostamente invariáveis de gênero. Assim, as personagens, mesmo sujeitas às violências que as levam a sofrimentos profundos, apresentam multiplicidade de resistências, principalmente, respaldadas pela autoafirmação de suas identidades de gênero.

Conforme Hill (2020) e Lima (2017; 2025), as pesquisas sobre livros ilustrados com personagens transgêneros/as ainda são escassas e, em geral, focam na aceitação familiar ou no *bullying*. Ademais, os livros ilustrados com personagens trans enfrentam banimentos e remoções de escolas e bibliotecas públicas estadunidenses. *I Am Jazz*, por exemplo, foi uma das obras mais banidas no contexto escolar entre os anos de 2021 e 2022⁶. Uma das razões para tal retalhação foi a notoriedade que ganhou, já que Jazz Jennings, sua autora, é uma figura trans pública bastante conhecida nos Estados Unidos.

Nesse sentido, este artigo bibliográfico de natureza exploratória busca responder o seguinte questionamento: Como a obra *I Am Jazz* representa a identidade trans na infância, e de que maneira essa representação tensiona estereótipos de gênero e as relações sociais vividas pela protagonista? Esta resposta será dada em atenção à articulação entre texto e imagem da literatura a ser investigada, somando assim à percepção das nuances narradas por uma autora trans, que revelam afetos, desejo de acolhimento e coragem. Vale ressaltar que Jazz é uma protagonista construída por meio de tentativas, experimentos, criatividade e criticidade que levam o seu público leitor a conhecer um recorte de representação da transgeneridade feminina na infância. Entre a subjetividade e o impacto social da

⁶ Ver em: <https://www.wlrn.org/education/2023-02-20/i-am-jazz-by-trans-activist-from-south-florida-among-nations-most-banned-kids-books>

identidade trans, a temática reverbera os ecos da cidadania e do afeto para dizer que esse corpo infantil político se refaz atinada com temáticas fraturantes e sensíveis.

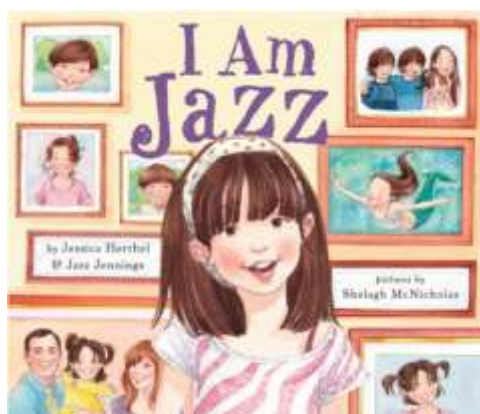
I AM JAZZ: O EU TRANS NARRANDO

Jazz Jennings é uma mulher trans que desde a infância tem bastante relevância no cenário estadunidense por conta de suas participações em documentários, autoria de livros, programas de TV e da criação da fundação *TransKids Purple Rainbow Foundation*. Dentre as suas obras, *I Am Jazz* (2014), em parceria com Jessica Herthel e ilustração de Shelagh McNicholas, é uma narrativa de caráter autobiográfico dedicada à sua família e a pessoas trans em diferentes partes do mundo.

O livro ilustrado, com menção honrosa da *American Library Association's Rainbow Project Book List Award* (2015), aborda a trajetória de Jazz, que, embora tenha nascido com um corpo anatomicamente designado como masculino, percebia-se diferente desde a mais tenra idade. Ao narrar sua própria história, a protagonista revela o quanto se sentia bem ao se expressar como menina. Seus esforços para fazer com que os outros a reconheçam como ela realmente é são descritos ao longo de todo o livro. Por meio de *I Am Jazz*, Jazz Jennings ficcionaliza sua vida, a autodescoberta, bem como, a resiliência.

A proposta visual desenvolvida por Shelagh McNicholas para o livro ilustrado, composto por 29 páginas, favorece a aproximação do leitor com a subjetividade da protagonista. Já na capa, apresentada na Ilustração 1, é possível observar indícios do percurso narrativo da obra, bem como a presença de recursos visuais sofisticados e minuciosamente elaborados. O anterrosto e a folha de rosto, também marcados por ilustrações, são cuidadosamente pensados a fim de que o/a leitor/a acesse a obra com um olhar amadurecido sobre alguns aspectos que há de encontrar por meio do estilo figurativo proposto.

Ilustração 01: Capa



Fonte: Jennings *et al.* (2014)

A capa chama a atenção pelos inúmeros porta-retratos dispostos cuja maioria apresenta a menina feliz em diferentes estágios de sua transição. Dentre eles, vale destacar o da fotografia em que Jazz aparece fantasiada de sereia, um símbolo pelo qual muitas crianças trans são atraídas/os, como enfatizou Galman (2018) ao observar que elas fazem uso persistente de imagens de sereia em autorretratos. A feminilidade, o mistério e a dualidade dessa criatura mágica, em ser metade mulher e metade peixe, ampliam para a criança as possibilidades imaginativas de liberdade. Segundo Madalena (2021, p. 17), esse fascínio das crianças transfemininas pelas sereias “é por vezes explicado pelo facto de essas criaturas mitológicas não possuírem genitais, a mais óbvia característica sexual que, naturalmente, causará angústia a muitas destas crianças”, por isso, no imaginário da criança trans essa figura dá possibilidades de transformação e de reconhecimento.

Ao colocar o/a leitor/a a par das múltiplas formas como a menina trans se expressa, a narradora-personagem introduz a obra com uma apresentação de si. Sua cor favorita é rosa, e entre as atividades que gosta de desenvolver estão: dançar, nadar, jogar bola, desenhar, se maquiar, cantar, fingir ser uma *pop star*. A adoção dos cabelos longos e o uso de vestidos também são notadas. Para Oliveira (2018, p. 125),

A construção de uma identidade de gênero, feminina ou masculina, tem nos cabelos um elemento simbólico dos mais importantes. Deixá-los crescer significa identificar-se como mulher e cortá-los, aproximar-se de uma identidade masculina, necessitando no caso das crianças, do consentimento da família.

A linguagem da feminilidade está disposta desde o início da narrativa de modo a demonstrar a satisfação pessoal de Jazz em “se tornar” uma menina. Seu regozijo está em sua autoapresentação. Embora seja observável que a autoria trans é anterior a essa obra, a protagonista infantil transfeminina narra a sua própria existência, via palavra e imagem, desenhando a compreensão crítica do mundo e do coletivo, que Yunes (2016) chama de construção do eu em autoficção. A princípio, dando forma ao enredo, a Jazz autora propõe por meio da Jazz protagonista sua subjetividade ficcionalizada. Em seguida, são postas suas relações e reverberações, proporcionando ao leitor/a a sua forma de entender a si e o mundo.

Ilustração 02: Momentos



Fonte: Jennings *et al.* (2014)

Nas primeiras páginas, como exposto na ilustração 02, os gostos e as brincadeiras compõem todo o processo criativo, e é em meio a eles que Jazz explica como se vê no mundo. A escolha de McNicolas é sempre expor a protagonista em primeiro plano e em diferentes ângulos. Mesmo com múltiplas imagens dispostas na página, é perceptível que o campo de visão está completamente voltado ao Eu que narra, logo, a ilustradora opta por intercalar projeções paralelas com predominância de profundidade.

Além da simbologia dos cabelos, a imagem de feminilidade também é posta quando a personagem apresenta as duas melhores amigas que gostam de saltos altos e vestidos de princesa. É a partir da chegada das amigas ao plano narrativo

que a personagem revela: “Mas não sou exatamente como Samantha e Casey” (Jennings *et al.*, 2014)⁷, trazendo à tona que é uma criança trans.

Ilustração 03: Desenhando o verdadeiro eu



Fonte: Jennings *et al.* (2014)

Além da explicação textual sobre a sua transgeneridade, a ilustradora recorre também a uma abordagem visual, como na imagem acima. Jazz em sua mesa de estudos desenha como se sentia quando ainda se apresentava como menino: estava sempre aborrecida ou com uma tempestade acima de sua cabeça. Já na condição de menina, os desenhos são repletos de positividade, representados pela presença do sol e de espaços abertos, o que permite dizer que a personagem se apropria da função narrativa em suas ilustrações para contar a sua própria história. Ao comentar brevemente sobre a obra, Miller (2022, p. 148) afirma que “desenhar é uma estratégia de resiliência que ajuda Jazz a se recuperar de ser “malgenerizada” e mal interpretada. Nos desenhos, ela é capaz de explorar um senso de identidade que não tem palavras para articular.”⁸ Em consequência das duas manifestações artísticas, as misturas de técnicas ficam evidenciadas, pois todo trabalho conta com aquarela, lavagem, e giz de cera, para citar algumas.

As imagens pintadas pela garota estabelecem uma relação harmônica com suas palavras, pois desenhavam um menino aborrecido e, em outros casos, uma menina feliz, uma vez que, diz, tem o cérebro de garota, mas o corpo de garoto. Em suas palavras: “Isso se chama transgênero. Eu nasci assim!” (Jennings *et al.*,

⁷ Tradução nossa: “But I’m not exactly like Samantha and Casey” (Jennings *et al.*, 2014).

⁸ Tradução nossa: “drawing is a strategy of resilience that helps Jazz rebound from being misgendered and misunderstood. In pictures, she is able to explore a sense of self she doesn’t have the words to articulate.”

2014)⁹. Sua fala expressa o que é não se sentir pertencente ao gênero atribuído pela anatomia. Assim, a obra mantém o conflituoso discurso do “*the wrong-body*” (Engdahl, 2014) ao tratar de si. Contudo, entende-se a necessidade que têm de explicar sobre como se sentem e, de mesmo modo, a importância de determinados esclarecimentos à criança cisgênero que terá contato com a obra.

Apesar da explicação apresentada na obra, é importante salientar que a personagem também demarca suas diferenças em relação às suas melhores amigas, ao reivindicar uma categoria político-social à qual pertence. Nesse sentido, ser uma criança trans não equivale a ser uma criança cis, pois envolve experiências específicas de reconhecimento, afirmação identitária e negociação social do próprio corpo e da própria subjetividade. Outro aspecto a ser observado é a declaração que faz sobre ter nascido menina, pois desde a infância costumava dizer a sua mãe que era uma boa garota em resposta à afirmação de que Jazz era um bom garoto.

Embora nas ilustrações seja possível visualizar a personagem infantil com diversos brinquedos, dentre eles carrinhos e bonecas, é predominante a presença de roupas tipicamente femininas – colares, coroa de princesa, vestidos, além da majoritária aparição da personagem como menina. Com o passar do tempo, pela própria voz da narradora-personagem, percebe-se que, de forma gradativa, ela se aproxima do feminino e se afasta do masculino, mesmo diante das críticas feitas pelos irmãos: “À medida que crescia, quase nunca brinquei com caminhões, ferramentas ou super-heróis. Apenas fantasias de princesas e sereias. Meus irmãos me diziam que isso era coisa de menina. Mesmo assim, continuei brincando” (Jennings *et al.*, 2014)¹⁰. Como consequência, as conversas sobre o sonho de garota e o desejo de se tornar uma linda mulher eram compartilhados com a irmã, como exemplificado na ilustração 04.

⁹Tradução nossa: “This is called transgender. I was born this way!” (Jennings *et al.*, 2014).

¹⁰ Tradução nossa: “As I got older, I hardly ever played with trucks or tools or superheroes. Only princesses and mermaid costumes. My brothers told me this was girl stuff. I kept right on playing” (Jennings *et al.*, 2014).

Ilustração 04: Cor preferida



Fonte: Jennings *et al.* (2014)

A representação de duas cores em especial chama a atenção: geralmente a cor azul está relacionada às ilustrações em que a personagem precisa explicitar alguns momentos em que vivia na condição masculina ou nas vestimentas de seus irmãos e pais; já a cor rosa está diretamente ligada à sua feminilidade ou ao seu processo de transgeneridade. Curiosamente, Eve Heller (2013, p. 402) afirmou que “vestir as crianças com roupas coloridas só se tornou popular a partir de 1920, quando se tornou possível a fabricação de cores resistentes à fervura. E foi só com a moda colorida para os bebês que o rosa se tornou uma cor feminina”. Ainda, a pesquisadora travesti Oliveira (2018, p. 119) destaca que,

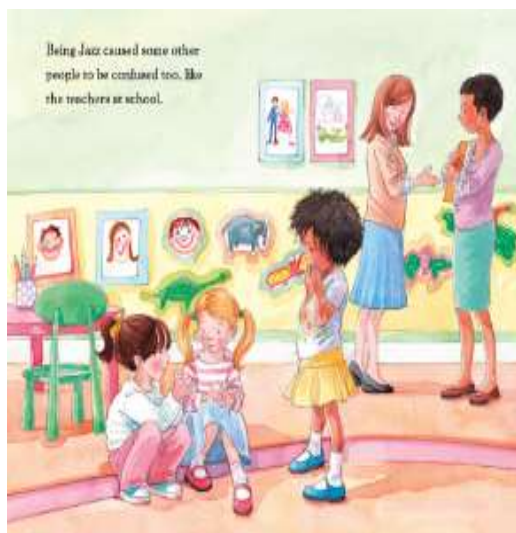
as cores rosa e azul representam, de forma bastante específica, em várias culturas, os universos feminino e masculino respectivamente, a fim de informar, ainda antes mesmo de nascer, a maneira correta como cada criança deve ser tratada. Isso a fim de fortalecer os elementos constitutivos de sua feminilidade ou masculinidade, associados diretamente ao seu sexo biológico.

Por conseguinte, seguindo esses rastros sócio-culturais, as cores mencionadas no texto e explicitadas nas ilustrações, apresentam o maneirismo de gênero por meio dos padrões cisnormativo adotados.

Representados pela ilustração 05, o olhar e o julgamento dos outros são expostos em segundo plano na ilustração, pois a existência e aparição da

personagem são o que importa. De forma alusiva é como se os olhares e julgamentos tivessem que ficar bem longe ou até mesmo que não fosse algo que pudesse impedir a personagem de ser quem ela realmente precisa ser. A ilustradora faz uso do ângulo de visão ilimitado cuja unidade, a personagem principal, é a tensão ou o ponto de direção.

Ilustração 05: O olhar do/a outro/a



Fonte: Jennings *et al.* (2014)

A técnica em aquarela, somada a um poderoso efeito de sombra e luz, dá fluidez à narrativa. Segundo Tomazzoli (2014) essa técnica também produz leveza e calma interior, que podem ser percebidas nas próprias características de Jazz: uma personagem fluida, delicada e em busca de harmonia.

Embora tenha permissão para usar roupas femininas na privacidade do lar, Jazz sente-se chateada por ter que vestir roupas masculinas em espaços públicos. Esse papel regulatório desempenhado pela família a leva a viver uma vida dupla, uma realidade comum a muitas crianças trans. Meadow (2018) analisa tal fenômeno ao discutir as diferenças nas roupas usadas por meninos e meninas trans em casa e na escola. Essa distinção ocorre como uma estratégia de proteção adotada pelos pais, que temem as possíveis consequências negativas do assédio, das ameaças, das violências psicológicas e físicas, além da desaprovação social causada pelo desvio das normas de vestimenta.

Os pais, ao passarem por momentos de angústias, dúvidas e sofrimentos durante o processo de transição dos filhos/as, buscam reduzir ao máximo os possíveis riscos que eles/as podem correr. No livro analisado, tal regulação por parte da família é apresentada como um momento de extrema tristeza sentida por Jazz: “Ainda assim, nunca desisti de tentar convencê-los. Fingir que era um menino era como contar uma mentira” (Jennings *et al.*, 2014)¹¹. A articulação da personagem sobre ser uma menina trans é uma insurgência de resistência na narrativa. Aqui, o substantivo “mentira” aparece na narrativa como sentimento de insatisfação.

O dia em que tudo mudou foi descrito como maravilhoso, e teve o auxílio de uma médica a fim de que a situação em torno da criança fosse de fato entendida. Tem-se o diagnóstico da transgeneridade: “Naquela noite, na hora de dormir, meus pais me abraçaram e disseram: nós entendemos agora. Seja quem você é. Nós te amamos incondicionalmente. Isso me fez sorrir, sorrir e sorrir”¹² (Jennings *et al.*, 2014). Nota-se que o suporte por meio do amor incondicional é um dispositivo de acolhimento, porém, a construção do entendimento do que realmente se passava com a criança trans só pode ser alcançada com ajuda de um profissional, um olhar médico autorizado. Para Preciado (2013), “[...] é impossível para uma criança se rebelar politicamente contra o discurso dos adultos: a criança é sempre um corpo ao qual não se reconhece o direito de governar”. Há, então, uma busca por um atestado de veracidade de uma especialista adulta por ser detentora do saber-poder, pois, o discurso dos profissionais dá autenticidade às palavras da criança trans.

Por outro lado, a resistência e a busca por reconhecimento em *I am Jazz* também podem ser entendidas a partir das relações sociais entendidas por Qvortrup (2010). Para o autor, as crianças são vistas como agentes sociais, e a infância é percebida como uma categoria estrutural que não desaparece, transformando-se constantemente. Isso se dá porque elas são atores cujas ações modificam as estruturas em que estão inseridas. Logo, na condição de agente social, a protagonista ao narrar a si mesma reivindica autoridade sobre sua própria identidade, proporcionando um debate sobre agência infantil trans.

¹¹ Tradução nossa: “Still, I never gave up trying to convince them. Pretending I was a boy felt like telling a lie” (Jennings *et al.*, 2014).

¹² Tradução nossa: “That night at bedtime, my parents both hugged me and said, we understand now. Be who You are. We love you no matter what. This made me smile, smile and smile.” (Jennings *et al.*, 2014).

Por meio da narrativa infantil em análise, também é viável ressaltar que os estudos trans consideram que muitas famílias estão envolvidas em atividades intelectuais de pesquisa, acolhimento e saúde com intuito de reconstituir suas compreensões a respeito dos gêneros. É crescente a busca por entendimentos e epistemes que visam o melhoramento da realidade dos filhos/as transgêneros, o que também encontra espaço na ficção. De acordo com Favero,

A transexualidade, por ainda ser constituída como um transtorno de personalidade, ou até mesmo com uma demanda clínica (vide disforia de gênero), passa por um processo de diagnóstico por meio da fala. É através do discurso, em um consultório, que se identifica a sintomatologia do gênero desviante (Favero, 2020, p. 54).

Em muitos casos, a clínica enquanto espaço de saber-poder diagnostica a fala de crianças trans, subjugando-as por meio de uma cosmovisão cisnormativa. Sobre personagens trans e o olhar médico, Hill (2020) atesta que

O questionamento de sua humanidade também ocorre quando as crianças trans precisam explicar sua identidade de gênero a outras pessoas, como profissionais médicos ou, muitas vezes, no caso das crianças desses livros, professores, pais ou colegas. Como sua identidade de gênero não pode ser definida por outras pessoas, e elas precisam explicar como se identificam, sua humanidade é colocada em perigo¹³ (Hill, 2020, p. 93).

Contudo, pelas palavras da narradora-personagem esse momento é decisivo em sua vida e na construção da narrativa: “Mamãe e papai disseram que eu poderia começar a usar roupas de menina na escola e deixar meu cabelo crescer. Eles até me deixaram mudar meu nome para Jazz. JAZZ combina muito mais comigo.”¹⁴ (Jennings *et al.*, 2014). Por meio do recurso *flashback*, ela conta seu processo de se sentir verdadeiramente completa e perceber a alegria em sua existência.

Através da consciência da mãe sobre os impasses do preconceito, sua participação também está em orientar a filha: “Mamãe disse que ser Jazz me

¹³ Tradução nossa: The questioning of their humanity also occurs when the trans children have to explain their gender identity to others such as medical professionals, or often in the case of the children in these books, teachers, parents, or peers. Because their gender identity cannot be defined by others and they have to explain how they identify, their humanness is brought into Danger.

¹⁴ Tradução nossa: “Mom and Dad told I could start wearing girl clothes to school, and growing my hair long. They even let me change my name to Jazz. Being JAZZ felt much more like being ME.” (Jennings *et al.*, 2014).

tornaria diferente das outras crianças da escola, mas ser diferente é bom”¹⁵ (Jennings *et al.*, 2014). Ao relatar sobre ser diferente, é notória a exposição da confusão vivida por outras pessoas, especialmente pelos/as professores/as em questão, que a princípio, por incompreensão, tentavam fazê-la usar o banheiro masculino e brincar no time dos garotos. Desse modo, a narrativa traz à tona muito do que ainda precisa ser pensado sobre os processos de sociabilidade da criança trans e o uso de espaços públicos, a exemplo o uso seguro dos banheiros dando visibilidade da criança trans na escola, como aponta Robertson (2018).

Felizmente, a garota destaca a mudança de comportamento dos/as professores/as. Todavia, expõe que outras crianças a desrespeitam, chamando-a pelo seu nome morto. Diante de tal processo de outremização e subalternidade, a pequena personagem lembra que muitos querem sua amizade, e prova sua resiliência frente aos processos transfóbicos que enfrenta. Encerrando a sua apresentação com o desnudamento do seu íntimo, se reafirma ao dizer: “Não me importo de ser diferente. Diferente é especial! Acho que o que mais importa é como a pessoa é por dentro. E por dentro, estou feliz. Eu estou me divertindo. Eu estou orgulhosa! Eu sou Jazz!”¹⁶ (Jennings *et al.*, 2014). Assim, a menina deixa sua mensagem de empoderamento.

Ilustração 06: Capa final



Fonte: Jennings *et al.* (2014)

¹⁵ Tradução nossa: “Mom said that being Jazz would make me different from the other kids at school, but that being different is okay.” (Jennings *et al.*, 2014).

¹⁶ Tradução nossa: “I don’t mind being different. Different is special! I think what matters most is what a person is like inside. And Inside, I am happy. I am having fun. I am proud! I am Jazz!” (Jennings *et al.*, 2014).

O último aspecto a ser destacado está na capa de proteção do verso, que, assim como a última folha, apresenta fotos da pequena Jazz encerrando a experiência de leitura com uma espécie de antes e depois da personagem. Através dessas imagens, é possível observar os adereços considerados femininos que ela passa a usar após sua transição. Curiosamente, nas duas representações, a personagem aparece feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar *I Am Jazz*, buscou-se compreender como a literatura infantil ilustrada estadunidense vem constituindo espaços possíveis para a emergência de narrativas que tensionam as normatividades de gênero e ampliam as formas de representação da infância. Em um contexto no qual personagens trans ainda ocupam lugar de escassez e silenciamento, a obra destaca-se por inscrever uma protagonista transfeminina que narra a si mesma, articulando subjetividade, memória, afeto e resistência.

A investigação permitiu observar que a relação entre palavra e imagem é central para a construção da narrativa, uma vez que o projeto visual de Shelagh McNicholas não apenas acompanha o texto verbal, mas também potencializa sentidos sobre a experiência trans na infância. Cores, enquadramentos, expressões e símbolos visuais atuam como dispositivos narrativos que constroem a identidade de Jazz, tornando visíveis conflitos, desejos, processos de autoafirmação e modos de existir frente às imposições cisnormativas.

Além disso, verificou-se que a obra mobiliza questões recorrentes às experiências de crianças trans, como a regulação familiar, a necessidade de validação médica, as dificuldades de sociabilidade em espaços escolares e as múltiplas formas de violência e vigilância social. Ainda assim, distante de uma narrativa exclusivamente marcada pelo sofrimento, *I Am Jazz* produz uma estética do afeto ao investir em relações de acolhimento, amor e reconhecimento, evidenciando a potência da autoafirmação e da construção de uma infância possível.

Nesse sentido, compreende-se que a obra analisada atua como artefato cultural e político ao deslocar imaginários cristalizados sobre gênero, corpo e infância, propondo outras possibilidades de existência e inteligibilidade para crianças

trans. Assim, a voz de Jazz reverbera não apenas como testemunho individual, mas como inscrição simbólica de uma presença trans na literatura infantil ilustrada, abrindo caminhos para novas pesquisas e para a circulação de narrativas comprometidas com a pluralidade das infâncias e com a justiça social.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ENGDAHL, U. Wrong body. In: **TSQ: Transgender Studies Quarterly**, 1(1–2), 57–59. 2014.

FAVERO, S. **Crianças trans: infâncias Possíveis**. Bahia: Editora Devires, 2020.

GALMAN, S. C. Enchanted selves Transgender Children's Persistent use of Mermaid Imagery in Self-Portraiture. **Shima-the international journal of research into island cultures**. 332, 2018.

Heller, E. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HILL, J. **Are You a Boy or a Girl?: Representations of Transgender Children in Picture Books**. 2020.

JENNINGS, J.; HERTHEL, J.; MCNICHOLAS, S. **I Am Jazz**. Estados Unidos: Dial Books, 2014.

LIMA, S. R. O. **Narrativas coloridas: sexualidade e gênero em literaturas infantojuvenis estadunidenses**. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

LIMA, S. R. O.; CARVALHO, D. B. A. O direito à literatura trans para infância. **COR LGBTQIA+**, v. 2, n. 8, p. 136-151, jan. 2025.

LIMA, S. R. O.; CARVALHO, D. B. A.. Análise da representação da personagem infantil trans no espaço escolar no *picturebook* *When Kayla was Kyle*. **Revista Brasileira De Alfabetização**, (23), 1–15. 2025.

MADALENA, E. V. **A última cor do arco-íris: representações do transgênero na literatura para a infância**. Lisboa: Universidade de Aveiro, 2021.

MEADOW, T. **Trans kids: being gendered in the twenty-first century** / Tey California: University of California Press, 2018.

MICKENBERG, J. L; NEL, P. Radical Children's Literature Now! **Children's Literature Association**, p. 445-473, 2011.

MILLER, J. **The Transformative Potential of LGBTQ+ Children's Picture Books**. USA: University Press of Mississippi. 2022.

NIKOLAJEVA, M. **Aspects and issues in the history of children's literature**. London: Greenwood, 1990.

OLIVEIRA, M. R. G. Minha vida em cor-de-rosa: cenas e encenações da transexualidade feminina na infância. USP: **Revista Aspás**, Vol. 8, n. 1, 2018.

PRECIADO, B. **O manifesto contrassexual**. São Paulo: N-1 edições, 2014.

PRECIADO, B. Quem defende a criança queer?. **Jangada: Crítica | Literatura | Artes**, 1(1), 96–99. <https://doi.org/10.35921/jangada.v0i1.17>, 2013.

QVORTRUP, J. **A infância enquanto categoria estrutural**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago, 2010.

ROBERTSON, M. A. **Growing Up Queer: Kids and the Remaking of LGBTQ Identity**. New York: New York University Press, 2019.

STRYKER, S. My words to Victor Frankenstein above the village of Chamonix: Performing transgender rage. **The transgender studies reader** / edited by Susan Stryker and Stephen Whittle. New York: Routledge. 2006.

SULLIVAN, A. L; URRARO, L. L. **Missing Persons' Report!** Where are the Transgender Characters in Children's Picture Books? Occasional Paper Series, 2017.

TOMAZZOLI, G. R. **Olhar Aquarelado**. UFRS, 2014.

YUNES. E. Sujeitos em construção: a leitura e a escrita de si. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvador, v. 01, n. 03, p. 618-625, set./dez. 2016.